

**ANCESTRALIDADE E LIBERDADE: EM TORNO DE UMA FILOSOFIA
AFRICANA NO BRASIL**

Luis Carlos Santos*

RESUMO: O presente texto objetiva dialogar com uma atitude filosófica que amplie e mantenha a liberdade dos afrodescendentes, afirmando a diferença, mas sem re-cair no relativismo exacerbado e na totalidade arbitrária. Não reificando, dessa maneira, os sistemas de injustiça.

Palavras Chaves: Liberdade; Encruzilhada; Exu; Colibri; Ancestralidade.

Resumen: Esto objetiva dialogar con una actividad filosófica que amplíe y mantenga la libertad de los afrodescendentes afirmando la diferencia, pero sin recaer en el relativismo y en la totalidad arbitraria, no rectificando, de esta manera, los sistemas de injusticia.

Palabras-clave: Libertad; Encrucijada; Exu; Colibri; Ascendencia.

O debate em torno de uma filosofia africana¹ é um assunto que anseia por paixões, pertencimento cultural, filiações epistemológicas e ideológicas entre seus próprios atores. Não sendo diferente de outras construções de mundos, em outros recortes de discussões.

Desta maneira, propor o diálogo acerca dos problemas que envolvam a filosofia africana em torno das problemáticas brasileiras nos coloca diante de algumas questões pertinentes a serem compreendidas: que produções de sentidos e quais categorias conceituais, têm sido propostas, a partir da filosofia africana no Brasil, para a construção do pensamento educacional brasileiro? Tal questionamento refere-se à ampliação e manutenção das liberdades dos afrodescendentes, em particular, e na perspectiva de extrapolar essas fronteiras.

No enredo das discussões acerca da afrodescendência no Brasil, na questão de problematizar a manutenção e ampliação das liberdades, surgem alguns

* Mestrando em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e graduado em filosofia pela mesma instituição. Atua no grupo de pesquisa Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção em (In)formação, Currículo e Trabalho (Redpect), na Linha de pesquisa Africanidades, Corpos, História, Educação e (in) Formação (ACHEI), e no grupo de pesquisa Griô: Culturas Populares, Diáspora Africana e Educação, ambos na UFBA. lcarlosfsantos@gmail.com

¹ Entendo por filosofia africana o pensamento tradicional africano como uma filosofia contemporânea.

argumentos, entre os quais destacarei duas perspectivas. A primeira, entendida como relativismo cético, fundamenta-se no argumento de afirmar uma diversidade redutora sem contextualizar os rostos e a raça/etnia destas singularidades; o outro argumento é das consequências do discurso promovido desde o etnocentrismo epistemológico promovido pelo “gueto” cultural europeu, entendido como totalitarismo arbitrário, pois estes tratam apenas do afrodescendente no Brasil.

A partir dessas duas premissas apresentadas anteriormente, o presente texto busca dialogar com o conceito de liberdade desde a filosofia da ancestralidade. Redefini-lo na base da contribuição africana no Brasil. Para isso, se pretende buscar uma filosofia contextualizada e, a partir de seu território, ultrapassar as fronteiras em direção à encruzilhada², não afirmando assim, a liberdade apenas do Mesmo. E o outro ponto procura compreender de que maneira a ênfase na diversidade chamada cética, pode ter como resultado uma possível negação das singularidades.

Nesta perspectiva não recair num relativismo cético, nem cair no totalitarismo arbitrário, é preciso buscar uma atitude que tenha como prerrogativa política a afirmação da singularidade, mas sem perder o entendimento da encruzilhada, que, ao mesmo tempo em que singulariza, não perde de vista a totalidade, que se configura como aberta³. Este movimento é interessante porque cair na armadilha da essência, da origem única, do centro, da lógica da identidade, enquanto conceito totalitário, constitui-se em reduzir as liberdades. Mas, afirmar uma diversidade cética que não produz sentidos na concretização política, também não gera sistemas de justiça. A finalidade da liberdade é o desejo pela diversidade, mas sem perder o ponto de vista das unidades, pois assim não perde a perspectiva da encruzilhada, construtora de diversidades. A encruzilhada potencializa a

² A encruzilhada liga todos os pontos, é o encontro, mas com os limites das especificidades, da diferenças. “[...] A fronteira denota o limite de um território e outro; a encruzilhada é o lugar mesmo em que se cruzam as fronteiras. Aqui, mesmo os limites se cruzam e confundem-se uns nos outros. (OLIVEIRA, 2007 a, p.116).

³ O entendimento de “totalidade aberta” está em diálogo com conceito de Relação do martinicano Édouard Glissant. O conceito de Relação cunhada por Glissant em *Poetics of Relation* (2010) e *Introdução a uma poética da diversidade* (2005), traz como uma de suas características a relação da diversidade cultural dos povos da Martinica na equação cultural na totalidade mundo. A totalidade não é entendida como hegemônica e universal, esta não faz sentido compreendida como um universal generalizante..

unidade, pois ela impõe a escolha como uma condição. A tecnologia subjacente na encruzilhada é a ética.

O conceito de liberdade como vem sendo defendido na história do pensamento ocidental moderno apresenta um “eterno retorno” da concepção de liberdade para o Si-Mesmo, sem um transbordar-se para a alteridade. O presente texto: pretende escapar do etnocentrismo epistemológico do Eu, do centro. Para isso, busca na contemporaneidade uma filosofia que “Transborda as fronteiras do Si-Mesmo para encontrar a Alteridade”. (OLIVEIRA, 2006, p. 160). Isto é, partindo de sua singularidade, mas fundamentado no sistema de justiça.

Um dos conceitos estruturantes dessa proposta de discussão é partir da concepção de filosofia como ancestralidade e, a partir desse caminho, dialogar com a produção conceitual de liberdade conquistada dentro do conflito, por isso a utilização do recurso da encruzilhada. Enquanto que as fronteiras afirmam uma dualidade, a encruzilhada funde as fronteiras, pois desse modo, coloca-se o imperativo da escolha, da singularidade. Isso torna-se libertador porque não é possível diferença sem unidade.

Sendo assim, não concebo as produções de subjetividades autônomas, autorreferentes, como produtora de fronteiras, de “Divisões Perigosas” (com um discurso para “Inglês Ver”⁴), mas como libertadora.

Nesse texto, faço a escolha em dialogar com o livro “Sinopse Filosófica. Estrutura do Pensamento Afrobrasileiro (Eminismo)”, de Edson Nunes Silva. O que ele procura, na obra, é compreender esta estrutura de pensamento, categorizando em conceitos, dando ênfase na filosofia. Nesse movimento, apresenta alguns conceitos como o de Fogo, Água, Deus, entre outros, e chama atenção para os significados das cores nesta estrutura.

A justificativa de dialogar com esta obra de Silva é pelo fato de ser este um texto instigador para sua época, que tem como temática a ênfase da discussão filosófica no pensamento afro-brasileiro – embora outros autores já tivessem se

⁴ Alusão ao livro *Divisões Perigosas: políticas raciais no Brasil contemporâneo* (2007), organizadores Peter Fry, Ivonne Maggie, Marcos Chor Maio, Simone Moneteiro e Ricardo Ventura Santodse *Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira* (1982) de Peter Fry.

dedicado a tais questões também. Dentro desse mesmo universo Cosmológico e Cosmogônico da cultura africana no Brasil pode ser citado, por exemplo, a sociologia do conhecimento defendida por Roger Bastide⁵.

Na busca de elaborar o que seria a sinopse da estrutura filosófica afro-brasileira, Silva procura na mitologia subjacente a esta cultura as narrativas mitológicas por acreditar que esteja mais ao alcance da constituição étnica, social e religiosa. O Oráculo de Ifá é apresentado em sua construção argumentativa para evidenciar que esta estrutura fundamenta o pensamento afro-brasileiro. O Oráculo é comparado, na obra de Silva, como um sistema lógico matemático mais antigo que os sistemas filosóficos de Ludwig Wittgenstein.

Essa inversão em relação ao que se constrói enquanto filosofia no Brasil é radicalmente novo para a época do autor em questão. É frequente apenas alguns signos mitológicos construindo o imaginário da produção filosófica brasileira, de um mesmo “gueto” cultural (europeu). Sendo assim, partem apenas de contextos culturais, na criação de imaginários, em filosofia, desde: Zaratustra, Leviatã, Édipo, Sísifo, na produção de sentidos na realidade brasileira⁶. Na criação de conhecimento, no que se refere às africanidades, pode ser constatado o quanto a liberdade tem limites no Brasil. Entretanto, os céticos não compreendem essa negação retratada acima como uma “divisão perigosa”.

Todavia, mesmo Silva trazendo essa possibilidade, apresentando signos e símbolos da cultura africana no Brasil como potencializadora para uma filosofia, se percebe em suas produções a estrutura de uma lógica da repetição de um modelo totalitário de produção de conhecimento, como a presença forte da validade da cultura afrodescendente apenas se for comparada com as culturas européias, a marca forte da essência, da origem única, e a evidência de um processo evolutivo

⁵ Ele tem uma importante descoberta que é a “metafísica subjacente” ou “filosofia sutil” no candomblé. E depois promove um deslocamento importante da afirmação de que a construção social brasileira não poderia ser entendida sem esta filosofia ou metafísica na dinâmica cultural africana no Brasil. Ver essa discussão em OLIVEIRA (2007 b). Onde promove a discussão do conceito de ancestralidade na encruzilhada entre a concepção nativa e analítica.

⁶ Não quero dizer que estes signos não possam produzir sentidos em realidades brasileiras, o problema que somente eles aparecem como possibilidades.

do mito para a razão. Essas são características para a anulação da singularidade, por isso, priva a liberdade, promovendo sistemas fundamentados em injustiças.

No processo em que ele pretende conceituar o Deus afro-brasileiro afirma que este tem como fundamento a essência, segundo Edson Silva (1975, p. 34):

O Conceito de Deus dos afrobrasileiros é na base da essência. Olorum é Elemi. Todavia o conceito dos Orixás está fundamentado em acidente, em substância. Como a maioria está vinculada aos orixás, há uma predominância dos reflexos, dos instintos, e a conduta, de um modo geral, baseia-se nos desejos.

A essência impõe o imperativo daquilo que é imóvel. Afirmando modelos estáticos que serve como sistemas de dominação ideológicos, políticos. Contrariamente, a filosofia da ancestralidade segue no processo de entender a criação conceitual desde os contextos. Por isso, é uma filosofia em diálogo com o Paradigma Exu e o Colibri, isto é, os signos culturais: primeiro, o africano no Brasil e, segundo, a América Latina. É uma filosofia da terra que procura ampliar e manter a própria liberdade, mas transborda as fronteiras do Si-Mesmo. O entendimento da essência inviabiliza a multiplicidade de produção de sentidos acerca do real. Entretanto, o entendimento do Paradigma Exu não nega a possibilidade de outros paradigmas. Isto é, “Na Cosmovisão africana não se tem essa atitude proselitista – nem mesmo quando se trata de paradigmas. Além, aquém ou junto de Olodumàre podem existir outros criadores” (OLIVEIRA, 2007 a, p. 144).

Ainda na crítica a essência, no sentido de uma interpelação ética, Muniz Sodré, ao partir desde a dinâmica africana no Brasil, identifica na cultura afrodescendente o entendimento de aparência. Pois este movimento promove a transição de uma cultura totalitária para uma cultura como diferença. A cultura afrodescendente encontra seu sentido na reversibilidade de estados, na mudança. Desta forma, a prática filosófica em diálogo com a cultura afrodescendente, como aparência, pode vir a ser uma tomada de atitude contrária a uma verdade absoluta e totalitária (ocidental moderna). Pois neste sentido a diferença afirma a liberdade e não os engessamentos que produz sentido único com a prerrogativa de ser arbitrário.

É possível identificar, portanto, uma estrutura de pensamento mais ocidental, no que diz respeito aos desdobramentos da obra “Sinopse Filosófica: Estrutura do Pensamento Afrobrasileiro”, do que a cultura tradicional africana como filosofia contemporânea, isto é, a filosofia da ancestralidade. Na perspectiva de Silva, é possível notar as conseqüências do etnocentrismo epistemológico, em tratar apenas da cultura afrodescendente no Brasil partindo do paradigma da totalidade redutora de liberdades⁷.

O paradigma da essência, da totalidade, se aproxima do projeto de Silva. Isto não quer dizer que o brasileiro repita por completo os sentidos políticos desse modelo, mas estes paradigmas têm como finalidade “privatizar o eu⁸”, onde manipula a liberdade e perpetua sistemas de injustiças. Silva chega à conclusão que, no Brasil, foram herdadas da Europa, principalmente de Portugal, a literatura, o idioma, costumes que dentro das relações sociais brasileiras foram misturadas com a dos índios e escravos⁹ africanos. Todavia, a música, o folclore, a arte, o pensar religioso, como categorias das emoções, foram herdados do continente africano. Silva perpetua os binarismos, pautado no evolucionismo europeu: civilização vai ser o sujeito do adjetivo “europeia”, enquanto culturas (na perspectiva folclorista) é, neste caso, africano¹⁰.

Além dessas dicotomias que partem ainda de uma perspectiva do evolucionismo cultural, na leitura dos mitos, o autor vai fazer a escolha: comparar

⁷ Refiro-me aqui à concepção de identidade construída pelo ocidente moderno, mais especificamente a Hegel. A identidade, no movimento hegeliano, atua como uma afirmação totalitária do sujeito da história. O argumento de Hegel tem como finalidade afirmar que as coisas somente produzem sentidos ao serem interpretadas por uma mente interpretante, o homem ocidental. Os outros povos que não fazem parte do território ocidental repetem a história. Sendo assim, os africanos não seriam capazes de provocar mudanças na história, porque não desenvolveram liberdade.

⁸ Conceito cunhado por Muniz Sodré (1983) em *A verdade Seduzida*: por um conceito de cultura no Brasil.

⁹ O autor utiliza o termo escravos africanos, essa conotação naturaliza a condição escrava africana como algo imutável. Eu prefiro africanos escravizados.

¹⁰ A escola de filosofia presente na estrutura do pensamento de Edson Nunes Silva é ainda a grega e alemã. Os conceitos de acidente e substância (Aristóteles). A filosofia germânica é muito forte no Brasil, pois desde a Escola de Recife (1860 e 1960) onde esteve Tobias Barreto como um dos fortes representantes, se percebe a obstinada vontade de pensar a partir de categorias alheias.

os mitos afro-brasileiros (yorubás) com os da cultura grega, latina, hebraica e do antigo Egito, afirmando sua existência pelo fato de ser comparável. E a partir disso, acredita que fortalece “a posição monogenista ao aceitar que o conhecimento humano tem uma fonte comum ideal”. (SILVA, 1975, p. 8). A fonte comum pode ser evidenciada com os vocábulos diferentes presentes nas diversas culturas, mas representam a mesma ideia¹¹.

Segundo Silva, na hierarquia das outras culturas, a yorubá seria a menos rica, o que se caracteriza um equívoco, mas, mesmo assim, possibilita uma sistematização. Esta cultura pode oferecer uma estrutura do seu pensamento por ter uma fonte comum com as outras culturas..

O objetivo é partir da encruzilhada e compreender as duas perspectivas que consideramos importantes : a de Silva, que levanta uma discussão em “diálogo” com o pensamento afro-brasileiro, e a do movimento da afrocentricidade e da Negritude no Brasil.

Uma das questões que se percebe nos argumentos de Silva é de tentar compreender o pensamento afro-brasileiro sem os conceitos produzidos desde esta cultura, partindo com conceitos que não dão conta da realidade contextualizada, como o exemplo, essência versus aparência, para compreender os deuses mitológicos africanos. A partir dessa metodologia utilizada para tratar do pensamento afro-brasileiro, entendo que há no movimento da negritude, e depois no processo da Afrocentricidade (2009), uma crítica à lacuna da cultura afro-brasileira na educação e por isso, a necessidade de uma re-leitura da construção de conhecimento no que se refere aos estudos afrodescendentes no Brasil.

Nessa perspectiva de crítica às produções acadêmicas, surge, a partir de 1953, na figura de Abdias Nascimento, em diálogo com Guerreiro Ramos, a influência do movimento da negritude¹² no Brasil, este teve forte impacto nas

¹¹ Edson Nunes apresenta algumas palavras yorubá e grega que possuem os vocábulos diferentes, mas com a mesma ideia. Emi (yorubá), Pneumas (grega)- Espírito; Iyeinu e iye (yorubá), nous (grega) – Mente. Os vocábulos do antigo Egito, as palavras hebraicas são comparadas pelo autor também.

¹² Movimento político e cultural, surgiu no mundo francófono a partir de 1920, com o intuito de dar uma resposta ao racismo. Os autores que se destacam são Aimé Césaire (1913-2008), Léopoldo Sédar Senghor (1906-2001), Léon Damas (1912- 1978).

produções literárias (SOUZA, 2005). O movimento em questão coloca-se como uma forma de revolta contra o sistema universal de cultura. Esse é um momento que se inicia o processo de independência dos países africanos, principalmente a partir de 1960. De acordo com Guimarães (2005) esse processo reverbera no Brasil de modo que os afrodescendentes reivindicam a construção da identidade brasileira não-alienada¹³ (GUIMARÃES, 2005).

Abdias Nascimento foi uma das maiores figuras contrárias ao discurso, freyriano, da democracia racial no Brasil, e em meados de 1966, segundo Guimarães, ele declara seu projeto político ideológico da negritude. Ele foi uma das maiores personalidades do combate ao racismo, atuante na luta pela liberdade e sempre estabeleceu o diálogo do que se produziu fora do território brasileiro, no que diz respeito a luta pelos direitos e a conquista da cidadania dos afro-brasileiros,

A afrocentricidade tem também forte repercussão no Brasil a partir de 1978, quando Nascimento volta do exílio. Este movimento vai direcionar para a importância política de dá ênfase a cultura de origem africana, e com isso estabelece a dicotomia Grécia *versus* Egito. Nascimento tem contato com este processo de discussão no mundo anglo-afro-americano através da influência de Molefi Asante com “as ideias de raça, o bi-racialismo, o multiculturalismo e o afrocentrismo”(Guimarães, 2005, p. 11).

O sentido é seguir em alguns aspectos e inverter outros. O processo iniciado por Silva, por exemplo, é de discutir a estrutura da filosofia no pensamento afro-brasileiro. Molefi Kete Asante (2009) vai defender a ideia de que a afrocentricidade tem como tarefa tecer a crítica às posições particularistas que são tidas como universais. Para isso ele defende alguns projetos: perceber a localização psicológica e cultural do africano e descobrir o lugar deste como sujeito. O objetivo do afrocentrismo é promover a libertação dos africanos que estão à margem dos europeus. E para isso, ele segue no movimento de desconstruir a ideia de que a Grécia antecedeu o continente africano na categoria de civilização, movimento iniciado por Cheik Anta Diop¹⁴.

¹³ Guimarães, Antônio Sergio (2005).

¹⁴ Historiador e antropólogo, nascido no Senegal e faleceu em Dakar em 1986.

A reivindicação do lugar social e político dos afrodescendentes; a ligação com a luta contra a opressão promovida pelo racismo; a busca por uma ética de justiça, do ser e fazer afrodescendente; na luta política por criação de liberdades; produz unidade política entre as perspectivas da filosofia da ancestralidade, o movimento da negritude e a afrocentricidade.

A unidade política contra a opressão do racismo entre esses movimentos é construída em contextos diferentes. Um ponto de afastamento é a defesa pelo multiculturalismo como uma produção conceitual, na qual é permitida a criação de um espaço para o diálogo de todas as culturas. Percebe-se, na filosofia da ancestralidade, o cuidado em não re-cair no relativismo exacerbado em que o multiculturalismo pode chegar.¹⁵

A filosofia da ancestralidade busca fazer o exercício libertador de dialogar com as origens da dinâmica cultural africana no Brasil para criar conceitos, em diálogo com a afrocentricidade. Tem-se o objetivo de apresentar outras referências, no sentido de compreender a educação, afirmando o território e o imaginário africano no Brasil, na construção do pensamento da educação brasileira, entendendo esta filosofia da educação não mais como centros, mas dinâmicas, inclusivas e criativas. Sendo assim, alguns conceitos, como: participação, complementaridade, integração, movimento, encruzilhada, são reinventados no sentido de afirmar politicamente a liberdade dos afrodescendentes. O conceito de complementaridade, presente na cosmogonia da visão nagô, é apresentado por Luz (2003) a partir do mito da criação do mundo. Para chegar ao conceito, o autor narra um mito e apresenta os poderes e princípios complementares entre as divindades Obatalá e Oduduwa. Nele, complementaridade tem como finalidade a afirmação da diversidade em função da unidade. Em vez de utilizarmos o conceito de complementaridade faremos uso da

¹⁵ Essa constatação pode ser verificada nos discursos de professores quando são interpelados por qual motivo trabalham ou não conteúdos referentes a história e cultura africana e afrodescendente em sala de aula. Os argumentos são os mais diversos, mas tem dois que se apresenta com muita força. O primeiro afirma que não pode trabalhar com tais conteúdos porque vivemos numa sociedade multicultural e por isso, não pode dá apenas trabalhar um segmento cultural pelo fato da sociedade brasileira ser multicultural. Nesse discurso atualiza-se a perspectiva freyriana em 1930. O segundo discurso é por consequência do primeiro, e assim recai no etnocentrismo epistemológico de privilegiar a cultura europeia. Tal constatação foi verificada na pesquisa (O Discurso de Raça e Racismo na Escola) realizada em Salvador/ Bahia em 2010.

integração entre as palavras Unidade-Diversidade, como caminho possível para afirmação da liberdade de cada um e coletiva. O elogio da diversidade, mas sem perder a unidade política. Essa dinâmica é imprescindível para a manutenção das liberdades dos afrodescendentes no Brasil.

A afirmação da liberdade fundamentada na lógica apenas da diversidade sem referenciais re-cai num relativismo cético onde as liberdades mantidas e ampliadas são apenas as hegemônicas, por outro lado, afirmar uma unidade totalitária não produz justiça, pois recai na lógica etnocêntrica do mesmo. Ao chegar nessa encruzilhada, interpelo junto a filosofia da ancestralidade, no momento em que dialoga desde o corpo, e do pensamento do corpo imerso na cultura de matriz africana, para continuarmos caminhando nesta seara. Primeiro, o corpo interpela para a liberdade, porque não há ética sem corpo. Ele é diversidade e integração. Segundo, o corpo é diverso por conta de sua condição biológica e suas múltiplas produções de sentidos culturais. E terceiro, não existe diversidade sem relação, esta não tem como funcionar sem integração, que se dá na interação dos corpos.

As liberdades não serão traduzidas em atitudes enquanto a ética não estiver como um desdobramento imediato na política. A política tem se tornado demais técnica e pragmática, por isso é de fundamental importância produzir subjetividades que “coloca par-a-par a liberdade e a luta pela liberdade - movimento fundante da ética”. (OLIVEIRA, 2007 a, p. 286).

Exu e o Colibri são os personagens conceituais utilizados por Oliveira para produzir sentidos acerca da liberdade, e assim, afirmar a lógica do lugar próprio, isto é, afirmar o contexto, neste caso Latino Americano e Africano, que influenciou o Brasil na produção de sentidos. A essência é invertida na lógica contextual. E estes se movem livremente e lutam contra as forças que tentam cercear a ampliação e manutenção de suas liberdades, por isso é ético, porque luta por libertação.

As culturas com as quais procuramos dialogar acerca da liberdade tem seu movimento marcado por atitudes guerreiras e combativas. A liberdade é um conceito em disputa, pois estes conceitos têm desdobramentos na prática. O olhar

simplista de valorizar a teoria em relação à prática, ou vice-versa, é demais redutor e perigoso.

A filosofia da ancestralidade, no desenvolvimento argumentativo de partir desde a encruzilhada como o já dado, seguido do contexto e da unidade-diversidade, respectivamente, exige que o outro seja ele mesmo e não a Si-Mesmo.

O contexto é a marca da unidade, pois a unidade singulariza-se e torna-se universal, face-a-face com outros universais produzindo a diversidade. Com todos os rostos referenciados em diálogo constante na encruzilhada, pois os entrecruzamentos são indispensáveis nesse movimento. Os encontros dos caminhos já estão dados, o que devemos seguir revertendo é a ocidentalização de todos os caminhos, dizimando as singularidades em nome de uma diversidade – una, cética e cínica. A inversão, na perspectiva da filosofia da ancestralidade, é libertadora, pois modifica o paradigma, para não re-cair na atitude de pensar apenas o afrodescendente no Brasil, mas desde a tradição cultural africana no Brasil ser o ponto de partida para produzir sentidos na afirmação e ampliação da liberdade dos afrodescendentes. A partir da elaboração de uma filosofia da educação em que não negue o corpo biológico e cultural afro-brasileiro, porque ele é contexto e território de criação. As categorias do corpo, do contexto e do território interpelam para uma ética, pois, ao mesmo tempo em que afirmam a singularidade, as relações são imprescindíveis.

A conquista das liberdades, na filosofia da ancestralidade, busca promover a identidade de cada um como sistema de justiça. O corpo, o território, ou seja, as identidades são compreendidas como ancestralidade, e esta é promovida como alteridade. A identidade é entendida como ancestralidade porque nesse sistema não são tomadas como totalidade.

Nesse sentido, a diversidade entendida como relativismo cético, com a proposição política de excluir as especificidades e depois a lógica da unidade totalizante (o etnocentrismo) não criam mundos no sistema de justiça.

E a criação de mundos é um ato político libertador. Porque impera, neste processo, atitude consigo própria (sua própria individualidade) e com o outro (individualidade alheia). A atitude é a palavra que vem junto com liberdade. Não

se conquista liberdade sem atitude. A filosofia da ancestralidade não se situa apenas no ponto de criar conceitos, como queria Deleuze, mas tem como atitude criar mundos e não apenas conceitos. Por isso, o referencial da filosofia da ancestralidade é criativo.

Sou daqueles que acreditam em sonhos, não para fugir da realidade. Pelo contrário! Sonho para criar realidades! Isto implica em compromisso ético, pois como experiência da liberdade, haverá que se cuidar dos corpos. Amá-los. Embelezá-los. Movimentá-los. Mobilizá-los. (OLIVEIRA, 2007 a, p. 109).

Apenas criar conceitos para compreender liberdades não é o suficiente. Para além da construção de conceitos, que é próprio da filosofia, é imprescindível a potencialização de criação de mundos. Pois “sonhar e criar mundos é um ato político fundante do filosofar”. (OLIVEIRA, 2007 a, p. 110).

O movimento da filosofia da ancestralidade prima pela criação de mundos, de sonhos, ou seja, pela produção de sentidos desde seu pertencimento, portanto, este processo tem desdobramento imediato na conquista de liberdade dos indivíduos envolvidos. É uma criação desde seu pertencimento, mas sem delimitar fronteiras porque parte desde a encruzilhada. Na origem de qualquer criação é determinado já pela escolha. A encruzilhada impõe esse imperativo categórico da escolha. Se existe alguma arbitrariedade é esta, a escolha, a garantia de liberdade.

Um sistema político e econômico fundamentado na justiça é inalienável para que ocorra uma liberdade efetiva. Por isso que como estrutura desse discurso pragmático e técnico o Si-Mesmo cruza caminhos rumo à alteridade, na busca da afirmação da diferença no sistema de justiça.

A história do pensamento filosófico brasileiro construiu “representações” acerca do Brasil a partir do referencial europeu moderno. Não queremos recair no binarismo África versus Europa, mas é evidente, desde as produções de Tobias Barreto (1991), a influência da Alemanha em seus trabalhos, vide seus “Estudos Alemães” influenciando a construção do pensamento social brasileiro.

A filosofia africana no Brasil, desde esta breve tentativa de ser compreendida a partir das categorias de Ancestralidade e Liberdade, na busca de pensá-las na filosofia da educação brasileira, nos oferece o contexto, o território, a

afirmação da existência (território do corpo cultural e biológico), no movimento de construir alguns entendimentos desta produção de sentidos. É uma destas contribuições é a tentativa de escapar da “representação” e criar sentidos, tendo em vista que a educação é um dos lugares formuladores e transmissores de cultura.

Enquanto os sistemas políticos fundados em conceitos como identidade totalitária,, essência e unidade caracterizam-se como limitações para construção e manutenção das liberdades dos afrodescendentes no Brasil, promovendo sistemas de injustiças, , Pretende-se continuar no movimento de pensar um Brasil desde esta dinâmica cultural, por isso objetiva-se combater o projeto de pensar o Brasil na lógica de perpetuação das desigualdades e das injustiças. A luta é pela vida, a manutenção dela.

A luta pela vida, a liberdade precisam de atitude, criatividade e a força da poesia. E, como é luta, cito “*Lágrimas do sul*”, com seu vento, sua história, seu lamento, seu encantamento por outros mundos.

“África, berço de meus pais
Ouço a voz de seu lamento
De multidão
Grade e escravidão
A vergonha dia a dia
E o vento do teu sul
É semente de outra história
Que já se repetiu
A aurora que esperamos
E o homem não sentiu
Que o fim dessa maldade
É o gás que gera o caos
É a marca da loucura
África, em nome de deus
Cala a boca desse mundo

E caminha, até nunca mais

A canção segue a torcer por nós” (Lágrimas do Sul, Milton Nascimento)¹⁶

Referências bibliográficas

- BARRETO, Tobias. **Estudos de Filosofia**. Tomo I. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1966.
- BARRETO, Tobias. **Estudos Alemães**. Sergipe: Editora Record, 1991.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Resistência e revolta nos 1960** - Abdias do Nascimento. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Resistencia%20e%20revolta%20nos%201960%20-%20Abdias%20do%20Nascimento.pdf>. Acessado em: 24/03/2012.
- LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2000.
- NASCIMENTO, Abdias; SEMOG, Élle. **Abdias do Nascimento: o griot e as muralhas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.) **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira**. Curitiba: Editora gráfica Popular, 2007a.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Ancestralidade na Encruzilhada**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007b.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Epistemologia da Ancestralidade**. Disponível em: www.entrelugares.ufc.br/entrelugares2/pdf/eduardo.pdf. Acesso em: 22/09/2011.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.
- SILVA, Edson Nunes. **Fontes da Cultura Popular Afro-Brasileira; Yemanjá, um símbolo Cosmogônico**. Trabalho apresentado ao III Congresso Brasileiro de Folclore, Salvador, 1958.
- SILVA, Edson Nunes. **Sinopse Filosófica**. Estrutura do pensamento Afrobrasileiro (Eminismo). Salvador: Prefeitura Municipal da Cidade do Salvador. Secretária Municipal de Educação e Cultura. Departamento de Cultura, 1975.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Recebido em 17/04/2012
Aprovado em 22/05/2012

¹⁶ Lágrimas do Sul. Milton Nascimento. In: <http://letras.terra.com.br/milton-nascimento/331059/>.